



www.observatoriodacritica.com.br

Post de Reinaldo Azevedo no blog de Veja.com em 15 de dezembro de 2010, comentando o email de Chico Buarque

Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/chico-buarque-e-o-humor-involuntario/>

Acesso em 15 dez. 2010.

15/12/2010

às 17:59

Chico Buarque e o humor involuntário

Leia primeiro o post abaixo

Resistirei à minha tentação inicial, que é comentar a pontuação do texto do nosso mais aplaudido escritor. Diriam que apelo à picuinha, mais ou menos como deve ser irrelevante que um cirurgião tenha habilidade na sutura... Ainda bem que a literatura não salva vidas. Tampouco a inabilidade consentida, eventualmente laureada, condena à morte. O mundo é mais severo com médicos e engenheiros...

Dei destaque aqui, dia desses, a um trecho espantosamente ruim do também jabutizado “Budapeste”. Chico e seus admiradores acreditam que só se pode criticar a sua literatura movido pelo preconceito. A suposição, obviamente furada, faria dele um romancista imune à crítica. Até que não renunciasse, então, à sua profissão original, estaríamos impedidos de fazer uma apreciação isenta de seus romances. Mas que fique bem claro: não se questiona a “isenção” no caso de elogios ou da premiação. Ao contrário! Os que aplaudem a sua obra teriam conseguido superar o preconceito! Assim, conclui-se que a única coisa intelectualmente honesta a fazer é elogiar Chico Buarque. É uma piada!

O e-mail revela um Chico ruim de lógica. Por alguma razão não-exposta, ele acredita que um monte de erros faz um acerto, repetindo a ladainha de Luiz Schwarcz, dono da Companhia das Letras, que edita seus livros. Cumpre destacar que o sambista escreveu quatro romances e levou três Jabutis. Ele próprio é o

protagonista de duas das 17 vezes em que o “livro do ano” não foi considerado o melhor em sua categoria. Outra premiada nessa mesma condição é a mulher de Schwarcz.

A contestação à premiação e aos critérios do Jabuti começou neste blog, transformou-se numa petição na Internet, que ganhou milhares de adesões – antes de ser invadida pelos petralhas –, e mobilizou escritores, editores, livreiros etc. Schwarcz e Chico – e até Caetano Veloso! – decidiram reagir porque se tornou uma questão relevante. Os escritores brasileiros descobriam que eram as “mulheres de Atenas” do “guerreiro” Chico Buarque, lutando eternamente contra a ditadura militar que acabou há 25 anos!!!

Ele é um bom compositor? É, sim! A ruindade de seus romances não contamina a sua música, assim como a qualidade de suas músicas não contamina os seus romances. Mas vocês sabem... Ele é bastante mimado pela “cultura” nacional há muito tempo. É a nossa “celebridade de esquerda” – um lugar realmente indisputável. Artistas costumam falar sobre política, religião, sexo, Mangabeira Unger, outros planetas... Ninguém dá muita bola porque... bem, são artistas, né? “Esse pessoal é mesmo um pouco estranho...” Mas com Chico é diferente. Ele ambiciona o lugar de pensador, de intelectual, de referência do pensamento, de consciência crítica do país. Chico seria a nossa vestal! Se ele sair às ruas para protestar, fala em nome dos Deuses; os poderosos tremem! Pra cima de mim?

Releiam lá o seu e-mail:

“Não estou aqui para defender a excelência dos meus romances (...)”

Qualquer outro diria não estar ali para “defender a qualidade”. Chico logo parte para a “excelência”. Com efeito, desde sempre, essa não é uma questão que diga respeito à excelência.

É um tantinho constrangedor ver Chico Buarque exercitar o charme do perseguido:

“Em competições artísticas, o primeiro prêmio costuma carregar uma espécie de maldição. O que acontece com ‘Leite derramado’, aliás, é pinto, perto do que passamos no Maracanãzinho em 1968, Tom Jobim, eu e a nossa ‘Sabiá’.” Ele se refere à vaia que a música levou no Festival de 1968 - vaia promovida, diga-se, por gente que achava que o Brasil deveria falar grosso com Washington e fino com a América Latina... Anos depois, Chico viria a lhes dar razão, não é mesmo? Qual é...

Chico e as palavras, na prosa, vivem um litígio, mas que tem momentos de graça, involuntária talvez. Ou como explicar isto: **“O que acontece com ‘Leite derramado’, aliás, é pinto (...)”**.

“Leite derramado”? “Pinto”?

Mas de que diabos fala, afinal, Chico Buarque?

Por Reinaldo Azevedo